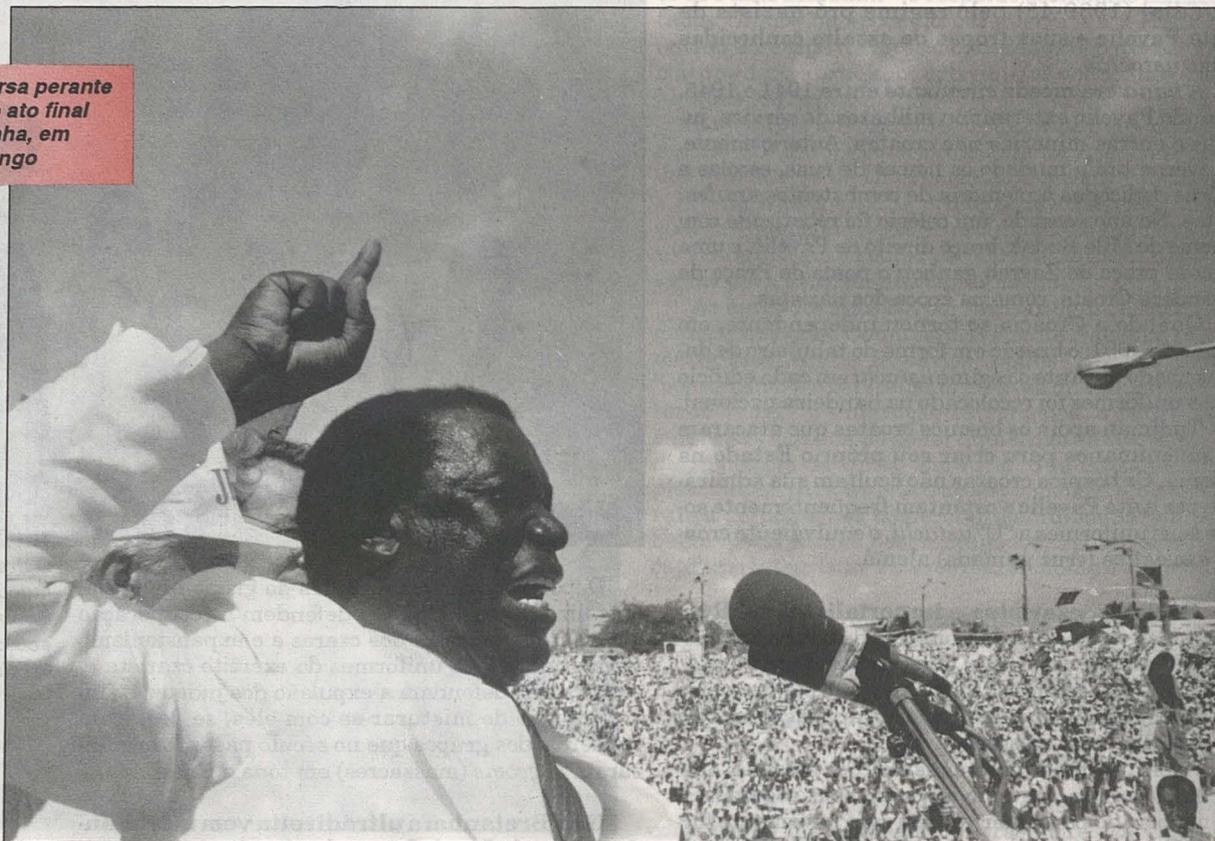


# Eleição de cartas marcadas

Foto: Beatriz Bissio

Peña Gómez discursa perante uma multidão no ato final de sua campanha, em Santo Domingo



*A fraude praticada pelo governo de Joaquín Balaguer provoca a indignação do povo e deixa o país numa situação dramática*

**Beatriz Bissio,**  
enviada especial

**R**eunido na véspera da eleição com os representantes dos partidos políticos latino-americanos da Internacional Socialista (IS), o coordenador da campanha de José Francisco Peña Gómez à presidência da República, Tirso Mejía, advertia que várias possíveis fraudes haviam sido detectadas pelo Partido Revolucionário Dominicano (PRD). A mais escandalosa foi a de falsa identificação de eleitores.

Curiosamente, a criação de um novo título de eleitor foi fruto de uma nego-

ciação entre o governo e os partidos de oposição, com o objetivo de evitar as fraudes. O governo determinou o recadastramento de todos os eleitores mas, contrariando o senso comum, 48 horas antes do pleito ainda continuavam sendo expedidos os novos títulos. Desta forma, as listagens de eleitores que eram entregues pela Junta Central Eleitoral em cada mesa à oposição foram sempre "provisórias" pois faltavam os inscritos de última hora.

O fato de não existir uma data limite para a inscrição favoreceu o cadastramento irregular de eleitores, principalmente nos dias que antecederam o pleito. O próprio motorista de Tirso Me-

jía – recadastrado há meses –, dizendo-se eleitor de Balaguer, conseguiu que lhe dessem uma segunda via do título em um comitê do Partido Reformista Social Cristão (PRSC). No novo documento a foto realmente era a sua, mas constava o nome de uma outra pessoa. Percorrendo a cidade, o chofer confirmou o que muitos apenas supunham: numerosos eleitores do governo tinham em seu poder até cinco títulos.

Na reunião dos delegados da IS, os coordenadores da campanha de Peña Gómez mostraram um vídeo produzido pelo PRSC – uma espécie de aula para os fiscais desse partido nas mesas de votação – no qual o vice-presidente do Ins-

## AMERICA LATINA

### REPÚBLICA DOMINICANA

tituto de Formação de Quadros do Partido Reformista orientava a fazer todo possível para conseguir a anulação dos votos das urnas em que Balaguer não obtivesse a maioria.

**As novas condições** – Prever fraudes nas eleições da República Dominicana não é nada extraordinário já que essa tem sido a norma na precária democracia que se instalou no país depois da morte do ditador Leónidas Trujillo e da intervenção militar norte-americana de 1965. “Contamos com uma fraude que pode nos tirar cerca de cem mil votos, mas ainda assim ganharemos”, tinha afirmado Peña Gómez na madrugada anterior à eleição.

A certeza da vitória do líder negro tinha fundamento. Depois de anos de divisões internas, Peña Gómez havia conseguido reorganizar o PRD, agora consolidado em todas as províncias com a significativa cifra de um milhão de filiados. Por outro lado, depois de ter sido durante 30 anos o braço direito de Balaguer, Fernando Alvarez Bogaert fundou sua própria organização política, a União Democrática (UD), e se aliou a Peña Gómez em dezembro quando o velho presidente decidiu disputar novamente a eleição.

Alvarez Bogaert foi seguido por dirigentes de todo o país que o apoiaram na decisão de formalizar o acordo com o PRD, chamado “Pacto de Santo Domingo” e Peña Gómez lhe ofereceu a candidatura à vice-presidência. Não foi uma jogada eleitoral: é notória a amizade

que une ambos os dirigentes – oriundos da mesma cidade – desde que o líder do PRD foi acolhido pela família Bogaert em sua infância, ao ficar órfão.

A UD, que já surgiu com expressão nacional, contribuiu, ao chamado “Pacto de Santo Domingo”, com importantes candidatos a prefeituras e ao Senado em lugares onde o PRD nunca havia ganhado. As pesquisas de opinião refletiram o impacto dessa aliança, mostrando uma significativa vantagem – entre 6 e 12%, dependendo da fonte – da chapa Peña Gómez-Alvarez Bogaert sobre os candidatos do governo.

**O ocaso de Balaguer** – Aos 88 anos, Joaquín Balaguer se agarra ao poder com unhas e dentes, disputando a reeleição para um sexto período presidencial sem que os ventos lhe sejam favoráveis. Os empresários já não confiam na sua capacidade, considerando ultrapassada a sua concepção de desenvolvimento – baseada no setor da construção civil –, desconhecendo o papel da indústria e da agricultura, além de descuidar da saúde pública, da educação e do meio ambiente.

O outro alicerce que dava sustentação ao seu governo, os militares, deixou de ser um aliado incondicional. O comando da campanha de Balaguer se reuniu com alguns altos oficiais, para avaliar a eventualidade de recorrer a “artifícios” para ganhar a eleição. Terminada a reunião, vários oficiais entraram em contato com Peña Gómez e Alvarez Bogaert para denunciar o complô.

Este desgaste de Balaguer junto aos militares cresceu proporcionalmente ao aumento do prestígio dos integrantes da chapa do PRD. A questão militar constituiu uma parte substancial do discurso de Peña Gómez no encerramento de sua campanha, que reuniu em um bairro popular de Santo Domingo uma alegre multidão calculada em 400 mil pessoas.

Depois de mostrar como Balaguer havia usado as Forças Armadas sem respeitá-las – a ponto de haver nomeado um general como seu chofer particular – Peña Gómez anunciou um projeto de reestruturação dos quadros militares.

A proposta de continuar o processo de profissionalização do Exército iniciado pelos governos anteriores do PRD havia tido boa receptividade entre os militares, sobretudo entre os oficiais mais jovens, com quem o diálogo de Peña Gómez é mais fluido.

**O cinismo da Junta** – No dia da eleição visitamos a região de Moca e Puerto Plata, para observar a votação. As dez da manhã já havia um princípio de tumulto em Moca. Dezenas de eleitores protestavam em frente à Junta Municipal Eleitoral porque seus nomes não constavam nas listagens que estavam em poder dos presidentes de mesa, embora estivessem nas que a Junta Central Eleitoral havia entregue aos partidos políticos. O presidente da Junta Municipal, Fabio Luiz Ramírez, demonstrava boa vontade, mas alegava não poder fazer nada sem autorização da Junta Central de Santo Domingo, da qual aguardava uma resposta.

Quando chegamos a Puerto Plata ao meio-dia a situação era parecida: centenas de eleitores não haviam podido votar porque faltava seu nome nas listagens das mesas. Como em Moca, todos eles constavam das listagens em poder dos partidos políticos.

Após um telefonema para Santo Domingo constatamos que a situação era idêntica em todo o país. Pressionado pelo número de denúncias, o reitor da Pontifícia Universidade Católica,

**Luis Ayala, secretário-geral da Internacional Socialista, denuncia a fraude**



### Eleição de cartas m

monsenhor Agripino Núñez Callado — um dos avalistas do “pacto de civilidade” assinado por Balaguer e Peña Gómez para garantir a transparência do pleito — pediu à Junta Central Eleitoral (JCE) que permitisse a esses eleitores votar.

A resposta da Junta chegou às 18h e 10min: dez minutos depois de terminado o prazo de votação. Em mensagem por rádio e televisão a JCE prorrogou o prazo para que esses milhares de eleitores votassem. Já era tarde: as mesas estavam fechadas e a sua grande maioria já contava os votos, com as urnas abertas.

Quando a Junta anunciou a prorrogação do horário de votação, acompanhamos os candidatos e militantes do “Pacto de Santo Domingo” em uma louca corrida aos locais de votação, diante dos quais se aglomeravam milhares de eleitores — entre eles muitas mulheres que não desistiam de votar — para tentar fazer cumprir essa determinação.

Mas o Exército — sob o comando do coronel Marcos Balaguer, que durante todo o dia havia estado na porta da Junta Municipal — já havia ocupado os locais. Só em duas mesas onde o escrutínio não havia começado, depois de muita conversa, se conseguiu fazer uma fila e retornar a votação.

**A informática entra em cena** — Todas essas irregularidades não foram suficientes para tirar a dianteira de Peña e Bogaert no primeiro boletim oficial da Junta Central Eleitoral. Mas aí entrou em cena um recurso mais sofisticado, através de uma certa diferença que se constatou entre os resultados do escrutínio nas mesas e os dados que iam processando e divulgando os computadores. A diferença entre os votos reais e votos computados chegou a ser, segundo estimativa de um jornal local, de 800 mil votos, em um universo de pouco mais de três milhões de eleitores. Chamou a atenção, além disso, o grande número de votos nulos, que chegou a 6% do total, quando a diferença reconhecida

**O exército impede a chegada das pessoas aos locais de votação, favorecendo o presidente Balaguer (ao lado)**

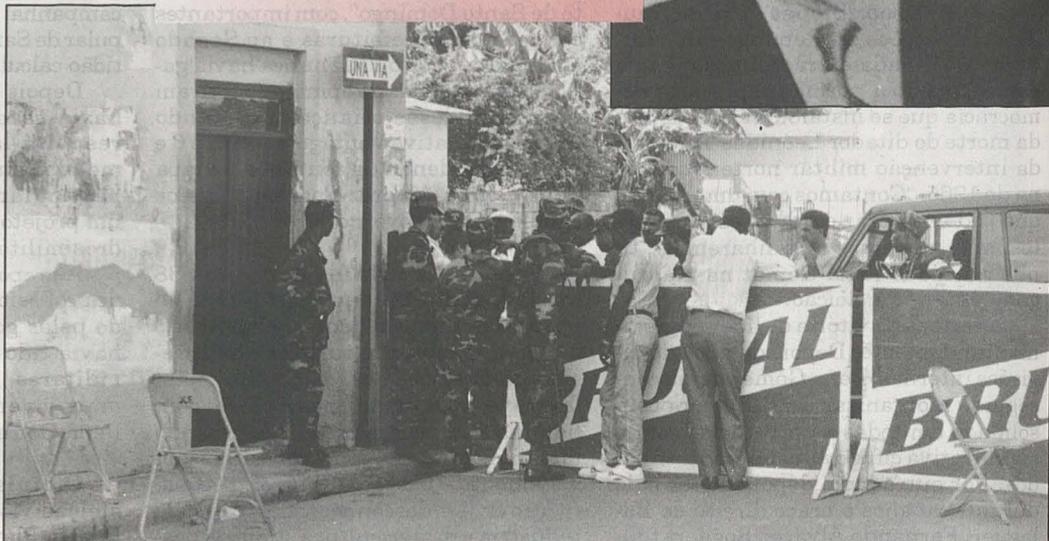


Foto: Luis Vega

pelo governo entre Balaguer e Peña não passava de 1%.

Com este pano de fundo, a partir do segundo boletim oficial Balaguer assumiu a dianteira e continuou assim até que o escândalo já era tão notório que a JCE se viu obrigada a suspender a contagem.

Para isso contribuíram muito os observadores internacionais. Os delegados da Internacional Socialista, que haviam se espalhado por todas as províncias do país, liderados pelo secretário-geral da IS, Luis Ayala, denunciaram em uma entrevista coletiva à imprensa as “graves e sérias anormalidades” que presenciaram e exortaram o governo e a Junta a respeitar a vontade popular.

Igual atitude tiveram os observadores do Instituto Interamericano de Direitos Humanos (ILDH) e de seu programa Capel. Daniel Zouatto, argentino radicado na Costa Rica, onde fica a sede da Capel, nos disse que, em mais de 30 eleições que havia presenciado, nunca havia presenciado nada igual ao sucedido na República Dominicana.

Já o ex-congressista norte-americano Stephen Solarz, que representou o Instituto Nacional Democrata, afirmou

que havia entrevistado muitas pessoas que não tinham conseguido votar “das quais a maioria simpatizava com o PRD”. O governo dos Estados Unidos, através do porta-voz do Departamento de Estado, David Johnson, assinalou que as denúncias de fraude “invalidam as eleições da República Dominicana” e anunciou que seria impossível proclamar um vencedor antes que o problema das irregularidades fosse resolvido.

Em vista do atos de violência em vários pontos do país, Peña Gómez alertou o governo de Balaguer sobre a necessidade de solucionar a crise antes que o povo decidisse buscar saídas por conta própria. Esse alerta não foi precipitado: os dominicanos — que reconhecem no futebol e na política suas duas paixões — estão em grande número armados. “O povo tem milhares de armas que ficaram da invasão norte-americana”, comentou um importante dirigente.

O impasse está criado. A responsabilidade de Balaguer e seus seguidores é enorme, assim como também a de Peña Gómez e Alvarez Bogaert, pela grande ascendência que têm sobre o povo. Nesta era de exaltação democrática, são inadmissíveis os anacronismos existentes na República Dominicana.